



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**FACULDADE DE LETRAS**

**CONSTRUÇÕES DE TÓPICO MARCADO NO DISCURSO MUDIÁTICO: UMA  
ANÁLISE COMPARATIVA À LUZ DO CONTÍNUO DE MONITORAÇÃO  
ESTILÍSTICA**

Nathália Vasconcelos Cardoso Rodrigues

Rio de Janeiro

2016

NATHÁLIA VASCONCELOS CARDOSO RODRIGUES

CONSTRUÇÕES DE TÓPICO MARCADO NO DISCURSO MUDIÁTICO: UMA  
ANÁLISE COMPARATIVA À LUZ DO “*CONTINUUM* MONITORAÇÃO  
ESTILÍSTICA”

Monografia submetida à Faculdade de  
Letras da Universidade Federal do Rio de  
Janeiro, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciado em  
Letras na habilitação  
Português/Literaturas.

Orientadora: Mônica Tavares Orsini

Rio de Janeiro

2016

## CIP - Catalogação na Publicação

R696c Rodrigues, Nathália Vasconcelos Cardoso  
Construções de tópico marcado no discurso  
midiático: uma análise comparativa à luz do  
contínuo "monitoramento estilístico" / Nathália  
Vasconcelos Cardoso Rodrigues. -- Rio de  
Janeiro, 2016.  
37 f.

Orientadora: Mônica Tavares Orsini.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Licenciado em Letras: Português -  
Literaturas, 2016.

1. Construções de tópico marcado. 2. Domínio  
Jornalístico. 3. Continuum de monitoração  
estilística. I. Orsini, Mônica Tavares, orient. II.  
Título.

A O. por me ensinar que a vida pode ser mais.

## AGRADECIMENTOS

Faltam-me palavras para expressar tamanha gratidão e, mais que isso, tamanho amor. São tantas pessoas a serem mencionadas e lembradas; porém, além da minha inabilidade com a expressão desse sentimento, o curto espaço desta seção não ajuda nesta tarefa. Tento definir com palavras tanto afeto:

A meus pais, Márcia e Marcelo, pelo apoio emocional, amor e carinho. Quando pensava em desistir, vocês vinham em meu auxílio. Obrigada por vibrarem comigo a cada conquista alcançada. Sem vocês, com certeza, eu não teria chegado tão longe.

À minha amada madrinha, Sandra, à minha avó, Zakhie, e ao meu avô, Geraldo (*in memoriam*), por sempre acreditarem em mim e por investirem em meu futuro acadêmico e profissional. Gostaria de partilhar com vocês mais essa conquista, porém o tempo não me permitiu tal felicidade.

À minha mãe acadêmica, amiga e orientadora, Mônica Tavares Orsini, pela oportunidade de ingressar em uma iniciação científica e por acreditar em meu potencial. Obrigada pelo ombro amigo, pelos conselhos valiosos e pelo companheirismo. Obrigada por ser um exemplo de profissional e de ser humano. De fato, não consigo expressar a enorme gratidão que sinto por você.

Às minhas queridas amigas, Gabriela e Luciana, pelos sete anos de amizade. Agradeço por aguentarem todas as minhas loucuras e histórias. Obrigada por compartilharem comigo tantas alegrias, conquistas, sonhos, planos, enfim, obrigada por me permitirem fazer parte da vida de vocês.

Às amigas que a Faculdade de Letras me apresentou, Karoline, Larissa e Monique, pelas risadas, companheirismo e, acima de tudo, por sempre acreditarem em mim. Essa trajetória foi, com certeza, mais leve com o auxílio de vocês. Obrigada!

Ao meu querido Vitor, pelas longas discussões acadêmicas que tanto me ensinaram. Agradeço por dividir comigo angústias e medos. Seu apoio incondicional e sua amizade me fortaleceram nos momentos mais difíceis. Tenho muito a te agradecer!

Ao CNPq, pela bolsa concedida, sem a qual não poderia ter desenvolvido esta pesquisa.

Obrigada a todos que contribuíram de alguma forma para a finalização deste trabalho!

## Sumário

Introdução .....	1
1. Pontos de partida.....	3
1.1 A estrutura da sentença no Português Brasileiro .....	3
1.2. Estratégias de construção de tópico marcado no PB .....	4
1.2.1. Tópico pendente (anacoluto).....	4
1.2.2. Topicalização .....	4
1.2.3. Deslocamento à esquerda.....	5
1.2.3.1. Deslocamento à esquerda clítico.....	5
1.2.3.2. Deslocamento à esquerda de tópico pendente .....	5
1.2.4. Tópico pendente com retomada .....	6
1.2.5. Estrutura SVO (tópico–sujeito).....	6
1.3 As construções de tópico marcado na tradição gramatical .....	8
1.4. As construções de tópico marcado nas análises empíricas .....	9
2. Pressupostos teórico-metodológicos.....	16
2.1. Pressupostos teóricos .....	16
2.1.1. A Teoria da Variação e da Mudança.....	16
2.1.2. Teoria de Princípios e Parâmetros .....	17
2.1.2.1. O Parâmetro do Sujeito Nulo e do Objeto Nulo .....	17
2.1.3. Norma padrão, norma culta e gramática do letrado .....	19
2.2. Procedimentos metodológicos .....	20
2.2.1. As etapas da pesquisa.....	20
2.2.2. A amostra .....	20
2.2.3 Gêneros textuais.....	21
2.2.3.1. A <i>Reportagem</i> .....	21
2.2.3.2. O <i>Editorial</i> .....	21
2.2.4. Os grupos de fatores.....	22
2.3. Objetivos e hipóteses .....	25
2.3.1. Objetivos .....	25
2.3.2. Hipóteses.....	25
3. Análise dos dados .....	27
3.1. Distribuição geral dos dados.....	27
3.2 As construções de tópico marcado no gênero <i>editorial</i> .....	27

3.3 As construções de tópico marcado no gênero <i>reportagem</i> .....	28
3.3.1 Discurso indireto.....	29
3.3.2 Discurso direto.....	29
3.3.2.1. Topicalização .....	30
3.3.2.2. Deslocamento à esquerda.....	31
3.3.2.3. Tópico pendente com retomada.....	32
3.4 Generalizações acerca das construções de tópico marcado nos <i>editoriais</i> e <i>reportagens</i> .	32
Considerações finais .....	34
Referências bibliográficas.....	35

## Introdução

O presente trabalho busca investigar a inserção (ou não) das construções de tópico marcado na escrita culta brasileira, levando em consideração a atuação do contínuo grau de monitoração estilística, proposto por Bortoni-Ricardo (2005). Assim, serão investigados dois gêneros textuais do domínio jornalístico: 140 editoriais e 140 reportagens publicados no jornal carioca *O Globo*, entre os anos de 2009 e 2015. Partimos do pressuposto de que textos jornalísticos são, em geral, [+ monitorados], mas acreditamos que é possível haver nuances de comportamento, nos gêneros confrontados, em relação às estratégias de tópico marcado, já que o editorial parece ser um gênero [+ formal] que a reportagem.

Estudos empíricos anteriores, baseados em *corpora* orais, (ORSINI, 2003; VASCO, 2006; ORSINI e VASCO, 2007; ORSINI e PAULA, 2011; GARCIA, 2014) observaram haver frequência significativa de construções de tópico marcado na fala dos brasileiros, independente do seu grau de escolaridade.

No que tange à modalidade escrita, Orsini (2012) propôs um estudo utilizando como *corpus* peças teatrais escritas por autores brasileiros ao longo dos séculos XIX e XX. A autora constatou um aumento na frequência dos dados de deslocamento à esquerda de sujeito (DEsuj), no século XX em comparação ao século XIX. Por outro lado, as construções de topicalização apresentaram comportamento semelhante ao longo dos séculos analisados. Já Orsini e Mourão (2015) objetivaram investigar o comportamento das construções de DEsuj, observando a interferência do *continuum* oralidade – letramento (cf. MARCUSCHI, 2007). Para tanto, utilizaram uma amostra constituída por gêneros textuais orais e escritos. As autoras verificaram que a estratégia analisada é menos frequente em gêneros textuais escritos e mais produtiva em gêneros próprios da fala, como a *entrevista*.

Diante desse contexto, o presente trabalho pretende dar continuidade à investigação das estruturas em foco, utilizando como fundamentação teórica a Teoria da Variação e da Mudança, proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), associada à Teoria de Princípios e Parâmetros, formulada por Chomsky (1981), visto que não só a frequência, como também a presença ou ausência de determinadas construções de tópico marcado são reflexo das mudanças no que se refere à marcação dos Parâmetros do Sujeito Nulo e do Objeto Nulo no Português Brasileiro.

Este trabalho encontra-se dividido em três seções. Na primeira, intitulada “Pontos de partida”, serão conceituadas as estruturas sintáticas de sujeito-predicado e de tópico-comentário no Português Brasileiro (PB), as estratégias de construção de tópico marcado

encontradas na escrita culta e os resultados obtidos por trabalhos anteriores sobre o tema. Em seguida, no capítulo 2, são apresentados os pressupostos teóricos, os procedimentos metodológicos, além dos objetivos e as hipóteses que embasam este estudo. Na terceira seção, são expostos e analisados os resultados obtidos. Por fim, são tecidas as considerações finais.

## 1. Pontos de partida

### 1.1 A estrutura da sentença no Português Brasileiro

As gramáticas normativas de Rocha Lima (2012), Cunha e Cintra (2013) e Bechara (2009) apresentam, para o Português, a estrutura sintática sujeito-predicado como a única existente. Ainda de acordo com estes autores, o sujeito é definido como o “ser sobre o qual se faz uma declaração” (CUNHA e CINTRA, 2013, p. 136) e o predicado como “tudo aquilo que se diz do sujeito” (CUNHA e CINTRA, 2013, p. 136). Estas definições pautam-se no critério semântico-discursivo.

Em (1), é possível perceber que o sintagma *este aluno* é o sujeito da oração, pois é sobre ele que se faz uma declaração. Por outro lado, o predicado é o resto da oração, ou seja, *obteve ontem uma boa nota*, uma vez que este sintagma declara algo a respeito do sujeito.

(1) Este aluno obteve ontem uma boa nota. (Cunha e Cintra, 2013, p. 136)

Mateus *et alii* (2003) explicam que, em certos casos, um mesmo constituinte pode acumular a relação gramatical de sujeito e a função discursiva de tópico, recebendo essa construção a denominação de **tópico não marcado**. Em (1), o sintagma *este aluno* ocupa as duas posições e, por este motivo, a construção apresentada acima recebe a nomenclatura proposta pelas autoras portuguesas.

Porém, no PB, existem sentenças que se estruturam através da relação tópico-comentário. Diferentemente do que ocorre no exemplo (1), em (2), sujeito e tópico são categorias distintas. *Água de coco* é o sintagma sobre o qual se faz uma declaração, sendo, assim, o tópico desta oração; o comentário, por sua vez, é a declaração feita a respeito do tópico *água de coco*, sendo constituído por uma sentença do tipo SVO: *(eu) gosto imenso desse néctar delicioso*. O sujeito desta sentença é o pronome *eu* não expresso, dada a relação de concordância estabelecida entre tal elemento e o predicador verbal *gosto*. Esse tipo de construção, Mateus *et alii* (2003) denominam construção de **tópico marcado**.

(2) *Água de coco*, gosto imenso desse néctar delicioso; (Raposo *et alii*, 2013, p. 410).

## 1.2. Estratégias de construção de tópico marcado no PB

Para o desenvolvimento do presente trabalho, elaborou-se uma tipologia das construções de tópico marcado encontradas na escrita culta brasileira. Essa foi feita com base nas descrições de Raposo *et alii* (2013); Berlinck, Duarte e Oliveira (2009); Araújo (2006); Brito, Duarte e Matos (2003) e no estudo pioneiro de Pontes (1987).

### 1.2.1. Tópico pendente (anacoluto)

Verifica-se a existência de apenas um elo semântico entre o tópico e um constituinte do comentário, ou seja, o tópico não é argumento do predicador. Há dois tipos de tópico pendente: um no qual o tópico é regido pela locução prepositiva *quanto a*, pela preposição *sobre* ou equivalentes, exemplificado em (3); e outro no qual o tópico é um SN ou um pronome, como em (4):

(3) **[Sobre a reportagem "Conselheiros de tribunais sob suspeita" (23/2)]**, volto a repudiar a farsa que montaram em relação ao meu nome nesse caso. (*Cartas do Leitor* - 24/2/2009)<sup>1</sup>

(4) **[Droga]** tem muito a ver com fracassos na vida em família. (*Cartas do Leitor* - 1/11/2009)

Em (3), tem-se um tópico pendente introduzido pela preposição *sobre*. Por outro lado, em (4), o tópico pendente é introduzido pelo sintagma nominal *droga*. Com base no contexto do qual este exemplo foi extraído, pode-se realizar a seguinte paráfrase: *Acerca das drogas, é possível declarar que elas estão intimamente relacionadas ao fracasso na vida em família.*

### 1.2.2. Topicalização

Neste tipo de estratégia, o tópico está vinculado a uma categoria vazia no interior da sentença-comentário.

(5) Estátua não, mas **[um busto na entrada do edifício onde funcionou o Banco Marka]**<sub>i</sub> ele merece \_\_\_\_<sub>i</sub>. (*Cartas do Leitor* - 18/4/2012)

---

<sup>1</sup> Os exemplos foram extraídos da amostra que reúne diferentes gêneros textuais do discurso midiático, organizada pelo *Grupo de Estudos sobre as construções de tópico marcado no PB*, coordenado pela professora Mônica Orsini.

No exemplo acima, o tópico *um busto na entrada do edifício onde funcionou o Banco Marka* está correlacionado à categoria vazia, na posição de objeto direto.

### **1.2.3. Deslocamento à esquerda**

Neste tipo de estratégia, verifica-se a conectividade referencial e a conformidade de traços morfossintáticos entre o tópico e o elemento do comentário ao qual está relacionado. Há duas possibilidades.

#### **1.2.3.1. Deslocamento à esquerda clítico**

A retomada do elemento topicalizado é realizada obrigatoriamente por um pronome clítico. Assim, “o tópico exibe propriedades de conformidade referencial, categorial, casual e temática com o constituinte no interior ao comentário” (Brito, Duarte e Matos, 2003, p. 495).

(6) Aliás, [**motor traseiro e transmissão automática**]<sub>i</sub> os saudosos "Gostosões", fabricados pela General Motors na década de 50, já [**os**]<sub>i</sub> possuíam. (*Carta do leitor* – 2/5/2010)

No exemplo acima, o sintagma topicalizado *motor traseiro e transmissão automática* é retomado pelo clítico acusativo *o* no interior da sentença-comentário.

#### **1.2.3.2. Deslocamento à esquerda de tópico pendente**

Neste tipo de estratégia, o elemento topicalizado é retomado no interior do comentário por um pronome pessoal ou demonstrativo, um sintagma nominal (SN) idêntico, ou ainda, um epíteto. O exemplo abaixo ilustra tal estratégia:

(7) [**o juiz**]<sub>i</sub>, *ele*<sub>i</sub> também histriônico, deu por terminado o combate. (*Notícia*, 28/03/2015)

Em (7), o sintagma tópico *o juiz* é retomado pelo pronome pessoal *ele*.

#### 1.2.4. Tópico pendente com retomada

Com base em Araújo (2006), neste tipo de construção o tópico é introduzido por uma locução prepositiva, como *quanto a*, sendo retomado lexicalmente no interior do comentário, por um pronome, um SN, dentre outras formas. Tal estrutura se diferencia do tópico pendente justamente pela conectividade sintática com algum elemento interno ao comentário. Ressalta-se, ainda, que quando a retomada é feita por um pronome, há identidade de número e de gênero.

(8) [**Sobre os patrocínios**]<sub>i</sub>, explicou que [**eles**]<sub>i</sub> tinham o objetivo de divulgar sua marca em São Luís. (*Reportagem* - 18/07/2010)

Em (8), o tópico é introduzido pela preposição *sobre* e retomado no interior do comentário pelo pronome *eles*.

#### 1.2.5. Estrutura SVO (tópico–sujeito)

Pontes (1987) denomina como construção de tópico-sujeito estruturas em que o tópico ocupa a posição à esquerda de verbos que, em princípio, não projetam argumento externo. Nesse tipo de construção, o tópico confunde-se com o sujeito e a concordância passa a ser realizada com o verbo. Berlinck, Duarte e Oliveira (2009, p. 160) definem tal construção como sendo “aquela em que o tópico se encontra numa sentença com um sujeito nulo não argumental”. As autoras sinalizam a possibilidade de tópico-sujeito com quatro tipos de verbos: (A) verbos inacusativos, (B) verbos que exprimem fenômenos da natureza, (C) verbos impessoais e (D) verbos de alçamento, que projetam um argumento interno sob a forma de oração.

Vale destacar que ainda não encontramos em textos escritos por falantes letrados dados com verbos dos tipos (A), (B) e (C), embora não descartemos a possibilidade de encontrá-los em textos [- formais], como crônicas. Por essa razão, descrevemos tais estruturas, exemplificando-as com dados de fala espontânea.

(A) Verbos inacusativos: caracterizam-se por projetar um argumento interno, ou seja, na posição de complemento de V, havendo o movimento deste constituinte para a posição de especificador do SFlex. No PB, porém, é encontrado o movimento apenas de parte

do constituinte projetado, frequentemente o termo que representa o possuidor, como se exemplifica em (9).

(9) A Sarinha tá nascendo o dente. (Pontes, 1987, p. 35)

Em (9), observa-se que o genitivo foi alçado para a posição de sujeito da oração.

(B) Verbos que exprimem fenômenos da natureza: Berlinck, Duarte e Oliveira (2009) observam que a posição à esquerda dos verbos que exprimem fenômenos da natureza pode ser preenchida por sintagmas adverbiais ou ainda por sintagmas preposicionados sem cabeça com valor locativo ou temporal:

(10) São Paulo chove. O Rio faz sol. (Berlinck, Duarte e Oliveira, 2009, p. 143)

Em (10), a posição à esquerda do verbo *chover* e da expressão *faz sol* é preenchida pelos sintagmas *São Paulo* e *O Rio*, respectivamente.

(C) Verbos impessoais: dentre os verbos impessoais, destaca-se o *ter* no sentido existencial. Berlinck, Duarte e Oliveira (2009) concluem que a “preferência por *ter* sobre *haver* favorece a implementação de uma estrutura que permite evitar a posição vazia de sujeito.” (2009, p.149).

(11) você *tem* frutas...você *tem* frios, eles *servem* sucos, depois ainda *servem* café com leite... (Berlinck, Duarte e Oliveira, 2009, p. 149)

No exemplo acima, o verbo *ter* foi “pessoalizado”, embora apresente “um claro sentido existencial” (Berlinck, Duarte e Oliveira, 2009, p. 149). Neste caso, a posição à esquerda deste verbo é preenchida pelo pronome *você*.

(D) Verbos de alçamento: Verbos como *parecer*, *acabar*, *custar*, *bastar*, *convir*, *demorar*, *levar* e *faltar* projetam argumento interno oracional, havendo a possibilidade de o sujeito da oração subordinada se mover para a posição à esquerda da sentença. Por este motivo, são denominados verbos de alçamento ou verbos de elevação.

(12) [O Legislativo e os órgãos fiscalizadores da União e dos Estados TCU e TCE]<sub>i</sub>  
Ø<sub>expl</sub> parece que \_\_\_\_<sub>i</sub> têm alergia a concursos. (*Cartas do Leitor* – 21/04/2009)

Em (12), o sintagma *O Legislativo e os órgãos fiscalizadores da União e dos Estados TCU e TCE* foi movido para a posição à esquerda do verbo *parecer*. Como não se estabeleceu concordância entre o sintagma e o verbo, pode-se inferir, nesse exemplo, que o SN movido ocupa a posição de tópico e a de sujeito está preenchida por um expletivo nulo. Ocorre que se encontram no PB sentenças em que há concordância e sentenças em que há ambiguidade sintática, não se podendo definir claramente a posição do elemento movido, isto é, se esse SN está na posição de tópico ou na posição de sujeito. Deste comportamento decorre a necessidade de se investigar tais construções.

### 1.3 As construções de tópico marcado na tradição gramatical

As gramáticas tradicionais não tratam as construções de sujeito-predicado em conjunto com as construções de tópico marcado, uma vez que tais obras interpretam o PB como uma língua de proeminência de sujeito. Nos casos em que ocorre o redobro, ou seja, há a retomada de um tópico por um item lexical, tais compêndios tratam as referidas estruturas como casos de objeto direto pleonástico. Cunha e Cintra (1985) afirmam que é costume repetir o objeto direto que antecede o verbo para dar destaque. Pode ser constituído por um pronome pessoal átono ou por um pronome átono e uma forma tônica preposicionada. Já nos casos de objeto indireto pleonástico, os autores afirmam que uma das formas de realizar o realce é, obrigatoriamente, através de um pronome pessoal átono.

(13) [**Palavras**]<sub>i</sub> cria-**[as]**<sub>i</sub> o tempo e o tempo **[as]**<sub>i</sub> mata.

(14) [**A mim**]<sub>i</sub> ensinou-**[me]**<sub>i</sub> tudo. (Cunha e Cintra, 2013, p. 160)

Nos exemplos acima, pode-se perceber que os sintagmas *palavras* e *a mim* são retomados pelos pronomes *as* e *me*, respectivamente.

Ainda em relação às construções de tópico marcado, as gramáticas tradicionais consideram as estruturas de tópico pendente como sendo de anacoluto (exemplo 15). Cunha e Cintra (2013, p.64) caracterizam o anacoluto como “uma mudança de construção sintática no meio do enunciado”. Os autores sinalizam, ainda, que este é um fenômeno muito comum na fala, ocorrendo após uma pausa, pois o falante se esquece do começo do enunciado e o

continua como se introduzisse uma nova frase. Bechara (2009) aponta, também, que no estilo formal o anacoluto deve ser evitado, exceto em casos de efeito expressivo.

(15) **[Eu]**<sub>i</sub> que era branca e linda, eis-**[me]**<sub>i</sub> medonha e segura. (Bechara, 2009, p. 479)

#### 1.4. As construções de tópico marcado nas análises empíricas

Pontes (1987) realizou um estudo pioneiro a respeito das construções de tópico marcado no Português Brasileiro. A autora, com base em dados coletados de conversas informais não gravadas, identificou quatro estratégias de tópico marcado: anacoluto, tópico-sujeito, deslocamento à esquerda e topicalização. Propôs ainda, com base na tipologia das línguas de Li e Thompsom (1976), que o PB seja descrito como uma língua de proeminência de tópico e de sujeito e não como uma língua de proeminência de sujeito, como descrevem as gramáticas tradicionais.

Mais recentemente, diversos trabalhos foram realizados utilizando as importantes contribuições desta autora, objetivando, com isso, ampliar as pesquisas a respeito das construções de tópico marcado no PB. Orsini e Vasco (2007); Orsini e Paula (2011) e Garcia (2014) exploram dados de fala; Orsini (2012) e Orsini e Mourão (2015) focalizam textos escritos. Todos, de forma geral, buscaram descrever características morfossintáticas e semânticas das construções de tópico.

Orsini e Vasco (2007) analisaram as construções de tópico marcado nas falas culta e popular. Os autores almejavam discutir o *status* do PB enquanto língua de proeminência de tópico e de sujeito, observando as mudanças sintáticas pelas quais passa tal sistema linguístico. Para isso, utilizaram dados do *Projeto Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro* (NURC-RJ) e do *Projeto de Estudos e Usos Linguísticos* (PEUL).

Os resultados obtidos indicam uma maior recorrência das estratégias de topicalização e de deslocamento à esquerda, tanto na fala popular quanto na fala culta. A primeira alcança 42% e 38% na fala culta e popular, respectivamente, enquanto a segunda estratégia obtém índices de 41% e 34%. Abaixo, estão transcritos dados de topicalização, em (16) e (17), e de deslocamento à esquerda, em (18) e (19), retirados do referido estudo.

(16) **[Uniforme]**<sub>i</sub> você troca \_\_\_\_<sub>i</sub>. (fala culta – Orsini e Vasco, p. 90, 2007)

(17) **[Cigarro]**<sub>i</sub> ela não suporta \_\_\_\_<sub>i</sub>.(fala popular - Orsini e Vasco, p. 90, 2007)

(18) **[O assaltante]**<sub>i</sub> **[ele]**<sub>i</sub> tem que pegar e corre. (fala popular - Orsini e Vasco, p. 90, 2007)

(19) [**O Nelson da Capitinga**]<sub>i</sub> [**ele**]<sub>i</sub> interpretava vários personagens. (fala culta - Orsini e Vasco, p. 90, 2007)

Já os dados de anacoluto, como exemplificado em (20) e (21), são mais frequentes na fala popular, fato comprovado pelos 21% contra os 11% observados na fala culta. Para justificar tais percentuais, os autores levantam a seguinte hipótese: por serem tratados como um desvio da norma padrão pela gramática tradicional, os falantes cultos tentariam evitar essa construção.

(20) [**Doce**]<sub>i</sub>, eu gosto de gelatina, gosto de pudim. (fala culta - Orsini e Vasco, p. 84, 2007)

(21) [**A seleção brasileira**]<sub>i</sub>, quando começou a Copa do Mundo, um campeonato que é pra valer mesmo a coisa muda de figura. (fala popular - Orsini e Vasco, p. 84, 2007)

As construções de tópico-sujeito, exemplo (22), são as menos frequentes tanto na fala culta, quanto na fala popular (6% e 7%, respectivamente). Tal resultado parece estar relacionado ao fato de ser uma construção relativamente nova no PB.

(22) [**Essas janelas**]<sub>i</sub> estão ventando. (fala popular - Orsini e Vasco, p. 85, 2007)

Ao submeterem os dados à análise sociolinguística, os autores constataram que,  
(A) no que diz respeito à *estrutura do tópico*, não há restrições quanto ao elemento que ocupa a posição de tópico. Ressalta-se, porém, que os sintagmas nominais são os mais recorrentes:

- Sintagma nominal:

(23) Na segunda-feira [**os donos dos caminhões**]<sub>i</sub> era uma descompostura uma atrás da outra. (fala popular - Orsini e Vasco, p. 88, 2007)

- Numeral:

(24) [**Trinta e alguma coisa**]<sub>i</sub> já são velhos para o futebol. (fala popular - Orsini e Vasco, p. 89, 2007)

- Sintagma oracional:

(25) [**Jogar**]<sub>i</sub> minha irmã jogava voleibol. (fala culta - Orsini e Vasco, p. 88, 2007)

- Pronome:

(26) **[Ele]**<sub>i</sub> ela ajuda **[ele]**<sub>i</sub> também. (fala culta - Orsini e Vasco, p. 88, 2007)

(B) quanto à *definitude do SN tópico*, há preferência por tópicos definidos tanto na variedade culta, como na popular:

(27) **[As bolsas]**<sub>i</sub> nós costumávamos dar \_\_\_\_<sub>i</sub>. (fala culta - Orsini e Vasco, p. 88, 2007)

(C) a função sintática de sujeito parece favorecer os casos de deslocamento à esquerda, ao passo que a função sintática de objeto direto favorece a ocorrência de estruturas de topicalização. Tal aspecto é decorrente da preferência do PB por sujeitos referenciais preenchidos e objetos de terceira pessoa nulos. Os exemplos (17) e (19), são rerepresentados abaixo em (28) e (29), de modo a ilustrar esse comportamento.

(28) **[Cigarro]**<sub>i</sub> ela não suporta \_\_\_\_<sub>i</sub>. (fala popular - Orsini e Vasco, p. 90, 2007)

(29) **[O Nelson da Capitinga]**<sub>i</sub> **[ele]**<sub>i</sub> interpretava vários personagens. (fala culta - Orsini e Vasco, p. 90, 2007)

(D) nas falas culta e popular, há uma tendência à supressão de preposições nas construções de topicalização de oblíquo. Diferentemente do PE, o PB licencia tal supressão, independentemente da natureza semântica da preposição.

(30) **[As freiras]**<sub>i</sub> a gente morria de rir \_\_\_\_<sub>i</sub> sabe? (fala culta - Orsini e Vasco, p. 93, 2007)

(31) Agora, **[filme de guerra, filme de ação]**<sub>i</sub>, me amarro \_\_\_\_<sub>i</sub>. (fala popular - Orsini e Vasco, p. 94, 2007)<sup>2</sup>

Utilizando também os *corpora* dos projetos *NURC* e *PEUL*, Orsini e Paula (2011) analisaram especificamente as construções de deslocamento à esquerda de sujeito. Quanto à *natureza gramatical do elemento topicalizado*, as autoras observaram “uma maior frequência

---

<sup>2</sup> Em (30), verifica-se a supressão da preposição *com*; em (31), houve supressão da preposição *em*.

de tópico preenchido por SN” (p. 11, 2011). Porém, esta mesma posição pode ser ocupada por proposições, pronome nominativo, demonstrativo, ou de valor arbitrário, não sendo verificadas, assim, restrições quanto à natureza gramatical deste elemento. As autoras constataam, também, que “o PB licencia qualquer tipo de SN, independente de seus traços semânticos e da sua especificidade” (p. 11, 2011). Tais fatos parecem estar relacionados à mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo, que resultou na preferência pelo preenchimento da posição de sujeito nos contextos [+ referenciais] da hierarquia de referencialidade, proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000).

Ainda no âmbito da modalidade oral, Garcia (2014) desenvolve uma análise da fala, culta e popular, de portugueses e brasileiros observando as construções de topicalização e de deslocamento à esquerda. Para tanto, foram utilizadas 36 entrevistas do acervo sonoro do Projeto *Concordância*, distribuídas segundo faixa-etária, gênero, grau de escolaridade e origem do informante.

No que diz respeito às construções de topicalização, o estudo obteve 60% de ocorrências no PB, enquanto no PE, os índices são de 40%. Por outro lado, com relação aos deslocamentos à esquerda, o autor encontra diferenças consideráveis: dentre o total de ocorrências, 87% são verificadas no PB, ao passo que 13% são encontradas na fala dos portugueses. O autor acredita que tais diferenças percentuais têm origem nas restrições que esses tipos de construções sofrem no PE, aspecto não verificado no PB.

De maneira geral, Garcia (2014) observa, tal qual sinalizado por outros autores, a complementaridade entre as construções de deslocamento à esquerda de sujeito e de topicalização de objeto direto no PB. Esta distribuição complementar fundamenta-se nos processos de mudança pelos quais tal sistema linguístico passa.

Orsini (2012) investiga as construções de tópico marcado, numa perspectiva diacrônica, com base em uma amostra constituída por peças teatrais escritas por autores brasileiros, ao longo dos séculos XIX e XX. As construções de topicalização foram as mais recorrentes, contabilizando um total de 197 ocorrências. No que diz respeito à posição sintática à qual a construção de topicalização encontra-se vinculada, não foram observadas restrições. Entretanto, verificou-se uma maior frequência das estruturas de topicalização de objeto direto e de oblíquo nuclear, exemplificadas em (32) e (33), respectivamente.

(32) Arnaldo: Vamos. (LEMBRANDO-SE) E [**o meu melão**]<sub>i</sub> você trouxe \_\_\_\_<sub>i</sub>?  
(Peça de teatro *A mulher integral*, Carlos Eduardo Novaes, 1975. In: Orsini, 2012, p. 190)

(33) Cristina: [**Teatro**]<sub>i</sub> vamos \_\_\_\_<sub>i</sub> de vez em quando. Só quando tem alguma comédia porque ele diz que só vai ao teatro para se divertir. Outro dia fomos ver A mulher integral. Você já viu? (Peça de teatro *A mulher integral*, Carlos Eduardo Novaes, 1975. In: Orsini, 2012, p. 190)

Quanto aos casos de deslocamento à esquerda, foram encontradas poucas ocorrências, perfazendo um total de 35 dados. Torna-se necessário destacar que os dados em que a retomada ocorre por meio de um clítico acusativo, como em (34), ou dativo, como em (35), estão concentrados no século XIX. Neste século, o clítico de terceira pessoa estava ainda presente no PB falado. Porém, na passagem para o século XX, tal estratégia cede lugar ao objeto nulo, aos pronomes tônicos e aos sintagmas nominais (cf. Cyrino, Duarte e Kato, 2000).

(34) Ambrósio: Lá isso não temo eu... Está bem recomendado. É preciso empregarmos toda nossa autoridade para obrigá-lo a professor. [**O motivo**]<sub>i</sub>, bem [**o**]<sub>i</sub> sabes... (peça de teatro *O Noviço*, Martins Penas, 1845. In: Orsini, 2012, p. 191)

(35) Carlos: (...) Seja diplomata, que borra tudo quanto faz. [**Aqueloutro**]<sub>i</sub> chama-  
[**lhe**]<sub>i</sub> toda a propensão para a ladroeira; manda o bom senso que se corrija o sujeitinho, mas isso não se faz: seja tesoureiro de repartição fiscal. E lá se vão os cofres da nação à garra... (...) (peça de teatro *O Noviço*, Martins Penas, 1845. In: Orsini, 2012, p. 191)

A autora constata também, tendo por base trabalhos anteriores como o de Callou *et alii* (1993) e Orsini e Vasco (2007), a complementaridade entre as construções de topicalização de objeto direto e de deslocamento à esquerda de sujeito. Esta distribuição complementar é um reflexo das mudanças em relação à marcação dos Parâmetros do Sujeito Nulo e do Objeto Nulo. Assim, Orsini (2012) verifica que, na segunda metade do século XX, as construções de deslocamento à esquerda de sujeito alcançam 85%, reflexo da preferência do PB em preencher lexicalmente o sujeito, ao passo que as construções de topicalização de objeto direto se mantêm estabilizadas, em termos percentuais, ao longo dos dois séculos.

Cabe ressaltar, ainda, os resultados obtidos pelo estudo no que diz respeito à *referencialidade do sintagma tópico*, que reúne os traços [+/- animado ou +/- humano] [+/- específico]. A autora verificou que construções de topicalização e de deslocamento à esquerda não apresentam o mesmo comportamento ao longo de todos os períodos analisados.

No século XIX, para as topicalizações, foi encontrado um maior número de dados em que o tópico é [-específico], como em (36). Nesse mesmo século, para os deslocamentos à esquerda, todos os dados apresentaram o traço [+específico], tal qual exemplificado em (37). Porém, no século XX, há uma maior frequência dessas construções com o traço [-específico], como em (38).

(36) SN [+animado, -específico]

Clarisse: **[Quantas (mulheres) casada]**<sub>i</sub> conheço eu \_\_\_\_<sub>i</sub> que invejam agora a nossa posição... (Dança). (Peça de teatro *As casadas solteiras*, Martins Pena, 1845. In: Orsini, 2012, p. 194)

(37) SN [-animado, +específico]

Emília: É minha mãe, devo-lhe obediência, mas **[este homem, meu padraço]**<sub>i</sub>, como **[o]**<sub>i</sub> detesto! Estou certa que foi ele quem persuadiu a minha mãe que me metesse no convento. Ser freira? Oh não, não! E Carlos, que tanto amo? (...) (Peça de teatro *O noviço*, Martins Pena, 1845. In: Orsini, 2012, p. 194)

(38) SN [+animado, -específico]

Beto: (...) Mas o que queria mesmo era ser astro da Globo. Disco de ouro. Cantor de esquerda. **[Os pascácios da classe média]**<sub>i</sub>, **[todos]**<sub>i</sub> botando dinheiro na minha bilheteria e eu protestando. Os pascácios da inteligêntzia me fazendo apenas restrições. (...) (Peça de teatro *Os órfãos de Jânio*, Millôr Fernandes, 1979. In: Orsini, 2012, p. 195).

Quanto às topicalizações de oblíquo nuclear, Orsini (2012) constata a possibilidade de supressão de preposição, independentemente de ela apresentar mais ou menos conteúdo semântico. Ressalta que no século XIX a predominância é de construções com preposição. Entretanto, a possibilidade de supressão já era verificada. O século XX, por outro lado, concentra o maior número de ocorrências de estruturas com supressão de preposição, como exemplificado em (39):

(39) Dolores: Vem filme da Kim Novak? Ele disse que a Kim Novak tá de férias. E **[filme de marinheiro]**<sub>i</sub> não vem nada \_\_\_\_<sub>i</sub>. Ou então de guerra! (ELA TAPA A BOCA E FALA PARA OS OUTROS) Eu sou doída numa farda! O quê?? O senhor me desculpe, mas

isso eu não sei repetir, não. Vem cá, Margareth, vê se tu me entende. (Peça de teatro *No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992. In: Orsini, 2012, p. 198).

Ao final de tal estudo, é destacada a baixa frequência de dados de tópico-sujeito e tópico pendente. A autora enfatiza, ainda, que pelo fato do PB preferir sujeitos preenchidos, as construções de tópico-sujeito tendem a se tornar mais recorrentes. Em (40), há um exemplo deste tipo de construção:

(40) Pimenta: A casa **não tem quintal**. Minha filha! (Peça de teatro *O judas em sábado de aleluia*, Martins Pena, 1844. In: Orsini, 2012, p. 199).

Orsini e Mourão (2015) também investigam as construções de deslocamento à esquerda de sujeito, observando seu comportamento morfossintático e semântico-discursivo; porém, no contínuo tipológico dos gêneros textuais orais e escritos. Para tanto, as autoras escolheram os seguintes gêneros: *entrevista*, *peça teatral*, *redação de vestibular*, *editorial* e *texto acadêmico*.

Tendo em vista em especial os resultados obtidos para o gênero *editorial*, um dos investigados no presente trabalho, as autoras não encontraram dados de deslocamento à esquerda de sujeito. Isto confirma a hipótese inicial do estudo: gêneros com alto grau de monitoração estilística, como o *editorial*, tendem a rejeitar construções próprias da gramática da fala, como os casos de deslocamento à esquerda de sujeito.

Neste capítulo, foram conceituadas as estruturas de sujeito-predicado e de tópico-comentário. Além disso, foram expostas não só as estratégias de construção de tópico marcado, como também comentados estudos anteriores a respeito do tema central deste trabalho.

## 2. Pressupostos teórico-metodológicos

### 2.1. Pressupostos teóricos

#### 2.1.1. A Teoria da Variação e da Mudança

Segundo a Teoria da Variação e da Mudança, a língua é um sistema heterogeneamente ordenado. Esta perspectiva, entretanto, não se fundamenta na ideia de que a língua é um conjunto de regras assistemáticas. A variação, portanto, não ocorre aleatoriamente, mas é condicionada por fatores linguísticos e sociais. Essa teoria defende o seguinte postulado: a variação é condição para que ocorra a mudança linguística. Duas ou mais variantes competem, podendo manter-se estáveis durante muito tempo ou uma delas ser eleita pela comunidade linguística, o que leva a uma mudança.

Para o estudo da mudança, Weinreich, Labov e Herzog [(2006) 1968] estabelecem questões empíricas que devem ser respondidas ao se analisar uma mudança em progresso:

(I) *restrição*: observa as condições possíveis para que a mudança ocorra. Além disso, essa questão almeja realizar generalizações, ou ainda, observar princípios universais que regem a mudança linguística, prevendo, assim, seus possíveis rumos. Esse problema interessa ao presente trabalho, na medida em que se busca observar se há restrições que bloqueiem estruturas de tópico – comentário na escrita [+ monitorada].

(II) *transição*: esta questão busca compreender o comportamento de uma mudança linguística ao longo de várias gerações. Ou seja, este problema observa de que modo a mudança se propaga, “passando de um estágio a outro, pela expansão dos contextos linguísticos de uso das formas, pela sua transmissão entre gerações, pela sua difusão ao longo do tempo e entre grupos sociais” (COELHO *et alii*, 2015, p. 84)

(III) *encaixamento*: diz respeito à relação entre um fenômeno e outras mudanças ocorridas ou que ocorrem no sistema linguístico. Dito de outra forma, esse problema tem relação com o modo como o fenômeno linguístico em variação ou a mudança se encaixam na estrutura linguística. Para responder a tal questão, o pesquisador deve estar atento à relação entre o fenômeno e os diversos fatores condicionadores, sejam eles internos ou externos. Este problema é de suma importância para o presente trabalho, pois o comportamento atual das

construções de tópico marcado está relacionado a alterações nas marcações dos Parâmetros do Sujeito Nulo e do Objeto Nulo.

(IV) *avaliação*: os falantes podem atribuir valor positivo ou negativo a uma dada variante linguística. Observa-se, assim, uma intensa relação desta questão com o componente social. Esta questão é de extrema importância, pois uma forma inovadora se insere no sistema se for avaliada positivamente pelos falantes.

(V) *implementação*: busca compreender os motivos pelos quais uma mudança ocorre em um dado momento e em um dado local. Pode-se dizer, assim, que este problema busca entender de que modo uma estrutura linguística de uma comunidade se transforma ao longo do tempo.

A Sociolinguística, teoria que “se ocupa da relação entre língua e sociedade” (Coelho *et al.* 2015: 59), requer um modelo explicativo acerca da linguagem que auxilie a compreender os contextos de mudança, a sua trajetória e seu encaixamento com outros fenômenos. No presente estudo, esta associação é feita com a Teoria de Princípios e Parâmetros.

### **2.1.2. Teoria de Princípios e Parâmetros**

Segundo a Teoria Gerativa, todo ser humano possui uma Gramática Universal (GU), o estágio inicial da linguagem. A GU é composta por dois componentes principais: os princípios, comuns a todas as línguas, e os parâmetros, “formados conforme a experiência linguística do indivíduo” (Kenedy, p. 91, 2013). Pode-se dizer, assim, que os princípios são rígidos, invariáveis e universais. Os parâmetros, por outro lado, são variáveis, diferenciando as línguas entre si.

Tendo em vista a estreita relação entre as construções de tópico marcado e a marcação dos Parâmetros do Sujeito Nulo e do Objeto Nulo no PB, na seção a seguir, apresentam-se reflexões acerca deles.

#### **2.1.2.1. O Parâmetro do Sujeito Nulo e do Objeto Nulo**

No presente estudo, defende-se a ideia de que as construções de tópico marcado no PB refletem as mudanças no que diz respeito à marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) e do Parâmetro do Objeto Nulo (PON).

No que tange ao PSN, o PB é considerado, atualmente, uma língua de sujeito nulo parcial (cf. Kato e Duarte, 2014). Essa classificação decorre da subcategorização, proposta por Roberts e Holmberg (2010), para as línguas [+ sujeito nulo]. Desta forma, as línguas podem ser

(a) **Línguas de sujeito nulo consistente:** são inseridas neste grupo as línguas com um paradigma flexional que permite a omissão do sujeito referencial.

(b) **Línguas de sujeito nulo expletivo:** as línguas deste tipo apresentam apenas o expletivo nulo, sendo os sujeitos referenciais expressos.

(c) **Línguas de sujeito nulo radical:** são línguas que permitem o sujeito nulo, sendo este identificado por um tópico discursivo.

(d) **Línguas de sujeito nulo parcial:** são línguas que permitem a omissão de sujeitos de 1ª e 2ª pessoa. Os sujeitos de 3ª pessoa do singular só podem ser omitidos se o referente for facilmente identificável.

Os autores, ao elaborarem tal categorização, objetivam situar as línguas em uma escala, cujas extremidades são [+sujeito nulo] e [-sujeito nulo]. Abaixo, reproduz-se esse *continuum*:

Língua de sujeito nulo expletivo → Língua de sujeito nulo parcial → Língua de sujeito nulo consistente →  
Língua de sujeito nulo radical

Com relação ao preenchimento do sujeito no PB, Kato e Duarte (2014) demonstram que sujeitos referenciais tendem a ser realizados foneticamente; já os sujeitos não referenciais encontram-se em variação quanto à possibilidade de ter ou não o sujeito preenchido.

Kato e Duarte (2014) concluem, retomando a hierarquia de referencialidade, que a primeira e a segunda pessoas constituem “o contexto mais prontamente afetado pela mudança” (Kato e Duarte, 2014, p. 5), como exemplificado em (41).

(41) **Você** me disse que **você** está morando em Copacabana. (Kato e Duarte, 2009, p. 5)

Sobre o Parâmetro do Objeto Nulo, o PB é hoje descrito como uma língua que marca positivamente esse parâmetro. Pode-se dizer que o objeto nulo sempre foi possível no PB (cf. Cyrino 1993, 1997). Porém, diversos estudos, dentre eles Kato, Cyrino, Duarte e Berlinck (2006), atestam a expansão dessa variante ao longo do tempo. Utilizando a Hierarquia de

referencialidade, as autoras explicam que os itens [- referenciais] foram os primeiros a licenciar o objeto nulo, processo que alcançou também os itens [+ referenciais].

### **2.1.3. Norma padrão, norma culta e gramática do letrado**

Segundo Faraco (2008), o conceito de norma decorre da necessidade de se criar um meio de “captar, pelo menos em parte, a heterogeneidade constitutiva da língua” (2008, p. 31). Para ele, norma designa “os fatos de língua usuais, comuns, correntes numa determinada comunidade de fala” (2008, p. 40). Assim, os diferentes grupos sociais se distinguem pelas diferentes formas de língua que lhes são próprias.

Ao diferenciar norma culta de norma padrão, o linguista define esta como “uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialetação, a projetos políticos de uniformização linguística” (FARACO, 2008, p. 73). Sobre aquela, Faraco (2008) conclui que “ela seria a variedade de uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações monitoradas” (2008, p. 47). Há, assim, uma distância entre a idealização e os usos, de fato, observados. Nesta perspectiva, interessa a essa análise investigar se a norma efetivamente utilizada pelo letrado brasileiro, em situações monitoradas de escrita, licencia construções de tópico marcado.

Outra questão bastante relevante é a percepção de que escrita e fala constituem normas distintas. Desta forma, no âmbito da teoria gerativa, pode-se afirmar que há duas gramáticas: a da fala e a da escrita. Segundo Kato (2005), ao longo do processo de aquisição da linguagem, a criança assimila regras em vigor na sua comunidade de fala, o que irá configurar a sua Língua-I. Porém, ao chegar à escola, ela precisará aprender uma outra gramática, aquela que reúne regras que não pertencem a sua Língua-I. É por essa razão que a gramática do letrado brasileiro, ou seja, a norma culta escrita constitui-se de regras de sincronias passadas, decorrentes da gramática do Português Europeu, e regras do Português Brasileiro, oriundas de mudanças linguísticas que geram formas inovadoras, que vão aos poucos substituindo formas mais conservadoras. (cf. Duarte, 2013)

Compreender esta questão da pluralidade de normas é de extrema importância, pois estudos anteriores mostram que as construções de tópico marcado são próprias da fala, mas, devido às mudanças morfossintáticas em curso no PB, parecem estar se inserindo na escrita (cf. Orsini, 2012; Mourão, 2013). Essa inserção, porém, é mais lenta, em especial nos gêneros [+ monitorados], como os analisados no presente estudo. Isto ocorre porque o texto exige maior monitoração no que tange ao uso da norma padrão, fazendo com que seu produtor recupere regras aprendidas na escola e prescritas pela tradição gramatical, que não estão presentes em sua gramática interna.

## **2.2. Procedimentos metodológicos**

O presente estudo segue os passos da análise variacionista (cf. Tarallo, 1986). Esta opção metodológica, entretanto, não trata as construções de tópico marcado como variantes, ou seja, elas não são compreendidas como formas alternantes entre si, como também não se encontram em variação com as estruturas de sujeito-predicado.

### **2.2.1. As etapas da pesquisa**

O trabalho foi desenvolvido em conformidade com as seguintes etapas:

- (1ª) Constituição das amostras: acesso ao acervo digital do jornal *O Globo*;
- (2ª) Levantamento das construções de tópico marcado presentes em cada amostra;
- (3ª) Seleção dos fatores linguísticos para a análise do fenômeno focalizado;
- (4ª) Sistematização dos resultados e sua associação às hipóteses previamente estabelecidas.

Inicialmente, pretendia-se codificar os dados de acordo com os grupos de fatores listados (cf. seção 2.2.3), submetendo-os ao pacote de programas GOLDVARB X. Dado o pequeno número de ocorrências, contudo, não se adotou esse procedimento, sendo realizada uma análise de caráter qualitativo, tendo por base os grupos listados.

### **2.2.2. A amostra**

A amostra constitui-se de 140 *editoriais* e 140 *reportagens* publicados no jornal carioca *O Globo*, entre os anos de 2009 e 2015. Para obter este valor total, foram coletados, de forma aleatória, 20 *editoriais* e 20 *reportagens* de cada ano.

### 2.2.3 Gêneros textuais

Bakhtin foi um dos filósofos que buscou conceituar e estudar os gêneros textuais. Segundo este autor, esses podem ser definidos como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (1992, p. 262).

Bortoni-Ricardo (2005), ao tratar da variação no Português Brasileiro, propõe que esta se fundamenta em três *continua*, dentre eles o de monitoração estilística, foco deste estudo. Segundo esta autora, os gêneros textuais se organizam em uma escala cujas extremidades são marcadas pelos valores [+ monitorado] e [-monitorado]. No que tange aos gêneros analisados no presente estudo, a *reportagem* e o *editorial* podem ser considerados [+ monitorados]. Acredita-se, entretanto, haver menos formalidade na *reportagem* que no *editorial*, pois esse reflete a opinião do jornal.

#### 2.2.3.1. A *Reportagem*

Segundo Melo (1985), os textos jornalísticos podem ser divididos em duas categorias amplas: opinativos e informativos. Aqueles são produzidos com o objetivo de expor a opinião do autor; estes teriam como objetivo a narração de fatos noticiosos. De acordo com tal tipologia, o editorial insere-se no primeiro grupo, enquanto a reportagem, no segundo.

A *reportagem* é analisada sob perspectivas diferenciadas por inúmeros autores. Tal heterogeneidade dificulta uma enumeração mais precisa e detalhada de suas características. Sodré e Ferrari (1986), porém, sintetizam tais aspectos, afirmando que a reportagem é marcada pela narração e pela humanização do relato. Alguns estudos, dentre eles Tavares (1997), buscam analisar os aspectos linguísticos deste gênero, em especial, os usos verbais. Esta investigação conclui que há uma predominância do uso da 3ª pessoa do singular e dos tempos verbais do presente e do pretérito perfeito do indicativo nesse gênero.

#### 2.2.3.2. O *editorial*

Os *editoriais* são textos que buscam expor a opinião do veículo comunicativo, ou ainda, de seus editores. Segundo Lima e Filho (2011), são geralmente textos curtos e concisos. Além disso, os *editoriais* são iniciados por uma apresentação, na qual se identifica o assunto a ser abordado. Em seguida, tal assunto é analisado através de comparações,

citações, dados estatísticos, entre outras estratégias. Ao final, o autor pode sintetizar o problema, apresentar soluções, provocar reflexões.

O editorial foi escolhido por ser um texto bastante formal. No presente trabalho, acredita-se que quanto maior for o grau de formalidade do gênero textual analisado, menos frequentes serão as construções de tópico marcado (ou até mesmo, ausentes).

#### **2.2.4. Os grupos de fatores**

Os grupos de fatores, utilizados no presente trabalho, contemplam características morfossintáticas e semântico-discursivos das construções aqui estudadas. Tais grupos foram estabelecidos a partir de trabalhos anteriores (cf. Vasco, 1999; Orsini e Vasco, 2007; Orsini e Paula, 2011 e Orsini, 2012) e refinados conforme as necessidades da análise proposta.

##### **(a) Função sintática a que o tópico está vinculado no interior da sentença-comentário**

Este grupo analisa as construções de topicalização e de deslocamento à esquerda, observando a função sintática a que o tópico está vinculado no interior da sentença-comentário. Cabe ressaltar que não há restrições quanto a este fator, ou seja, o tópico pode estar vinculado a qualquer função sintática: sujeito, objeto direto, objeto indireto, oblíquo nuclear e complemento nominal.

##### **(b) Constituição do tópico**

Diz respeito à estrutura dos sintagmas que ocupam a posição de tópico. Na presente análise, observou-se a ocorrência das seguintes estruturas: SN simples e SP simples ou composto, sendo este constituído por uma preposição seguida de um sintagma nominal. Porém, o sintagma tópico pode apresentar outras configurações internas, a saber: sintagmas nominais complexos, orações, entre outros.

##### **(c) Constituição interna do SN tópico**

Elaborado com base na descrição de Mateus *et alii* (2003), este grupo descreve a constituição interna do sintagma nominal que ocupa a posição de tópico. Observa-se que tal sintagma pode apresentar as seguintes constituições: SN nu, ou seja, sem margem preenchida; SN preenchido à direita; SN preenchido à esquerda ou SN preenchido à esquerda e à direita.

#### **(d) Configuração sintática das construções de topicalização**

O objetivo principal deste grupo é determinar os contextos sintáticos em que ocorre a construção de topicalização. Assim, tópico e comentário podem estar (I) em contexto raiz, ou seja, período simples, (II) no interior de uma oração subordinada ou (III) o tópico pode estar na oração matriz e o seu correferente no interior de uma subordinada.

No que diz respeito a este tipo de construção, é interessante observar se há movimento de constituintes do interior de ilhas sintáticas<sup>3</sup> para a posição de tópico, já que, diferentemente do PE, o PB não parece impor restrições desta ordem.

#### **(e) Configuração sintática das construções de deslocamento à esquerda**

Tal qual o grupo anterior, o objetivo principal deste grupo é determinar os contextos sintáticos em que ocorrem tais construções. Almeja-se, com isso, observar se tópico e correferente estão sintaticamente adjacentes ou não.

#### **(f) Estrutura do correferente em construções de deslocamento à esquerda e de tópico pendente com retomada**

Este grupo almeja investigar a natureza do correferente ao qual o tópico está vinculado. Os correferentes podem ser um SN, um pronome tônico com função nominativa, um pronome de referência arbitrária, um pronome possessivo, um pronome demonstrativo, um pronome indefinido, uma forma pronominal em função acusativa ou dativa, uma forma tônica em função acusativa ou oblíqua, um advérbio, um numeral ou um sintagma preposicionado.

#### **(g) Referencialidade do SN tópico**

Este grupo investiga os traços de *animacidade* e *especificidade* do sintagma nominal que ocupa a posição de tópico. Quanto à *animacidade*, o tópico pode ser [+/- animado], já quanto à *especificidade* o tópico pode ser [+/- específico].

#### **(h) Presença x ausência de preposição + conteúdo semântico**

Este grupo observa as construções de topicalização de oblíquo nuclear no que diz respeito à presença ou ausência de preposição no tópico. Além disso, busca-se analisar o

---

<sup>3</sup> Segundo Raposo *et alii* (2013, p. 414), “o conceito de “ilha sintática”, proposto em Ross (1967), capta o fato de certos tipos de orações não permitirem relações sintáticas fortes entre constituintes que ocorrem no seu interior e elementos externos.”

conteúdo semântico de tais preposições, ausentes ou presentes, averiguando se as mesmas revelam mais ou menos conteúdo semântico.

### **(i) Natureza da preposição**

Tal qual o grupo anterior, visa analisar as construções de topicalização de oblíquo nuclear, levando em consideração a preposição que encabeça o sintagma tópico. Dentre os dados obtidos, encontraram-se as preposições *de* e *sobre*.

### **(j) Função discursiva do tópico**

Este grupo visa observar a função da construção de tópico no plano textual. A partir da análise dos dados encontrados nos editoriais, reportagens, cartas de leitor e textos opinativos, foram propostas cinco funções, a saber:

(A) Progressão temática: promove a conexão entre o discurso anterior e o subsequente sem realizar uma ruptura temática.

(42) **[Droga]** tem muito a ver com fracassos na vida em família. (*Carta de leitor*, 1/11/2009)

(B) Resposta: diz respeito aos casos em que o tópico funciona como uma resposta a uma indagação realizada:

(43) **[Em resposta a carta da leitora Emydgia Maria Araújo de Carvalho (26/6)]**, o Theatro Municipal esclarece que mantém um programa de visitas guiadas, de terça-feira a sábado, com ingressos a R\$10. (*Carta de leitor*, 30/6/2011)

(C) Manutenção do tópico discursivo: o referente que ocupa a posição de tópico corresponde ao tópico discursivo.

(44) **[Sobre a reportagem "Conselheiros de tribunais sob suspeita" (23/2)]**, volto a repudiar a farsa que montaram em relação ao meu nome nesse caso. (*Carta de leitor*, 24/2/2009)

(C) Contraste: a construção “serve para pôr em contraste a predicação expressa pelo comentário acerca da entidade designada pelo tópico com outra predicação contida no discurso anterior envolvendo a mesma entidade” (Raposo *et alii*, 2013, p. 421).

(45) A partir daquele mês, o pagamento foi regularizado, mas [o de março]<sub>i</sub> até hoje não recebi \_\_<sub>i</sub>. (*Carta de leitor*, 31/8/2014)

(E) Inserção de tópico novo: um item lexical novo, isto é, não mencionado até o momento, ocupa a posição de tópico

(46) [os taxis], 90% com os vidros sem qualquer transparência. (*Carta de leitor*, *Jornal O Globo* 8/6/2010)

## 2.3. Objetivos e hipóteses

### 2.3.1. Objetivos

Levando em consideração o objetivo geral deste trabalho, investigar características morfosintáticas e semânticas das construções de tópico marcado em gêneros textuais do domínio jornalístico, levantou-se as seguintes questões:

- a) As estratégias de tópico marcado estão se inserindo na escrita culta brasileira?
- b) Quais seriam as estratégias mais recorrentes?
- c) O grau de monitoração estilística atua na frequência das construções de tópico marcado?
- d) Que fatores linguísticos podem interferir na frequência de cada estratégia de construção de tópico marcado?

### 2.3.2. Hipóteses

As hipóteses que embasam o presente trabalho são as seguintes:

- a) Embora já se saiba que as construções de tópico marcado são recorrentes na gramática da fala, acredita-se que a norma culta brasileira também as licencie, ainda que o tipo de construção seja diferente do encontrado na fala.

b) O grau de monitoramento do gênero textual escrito pode interferir na frequência e na estratégia de construção de tópico marcado.

c) Considerando editorial e reportagem como gêneros [+ monitorados], acredita-se que a frequência de dados será bem pequena. A reportagem, porém, poderá ter uma frequência ligeiramente maior.

Nesta seção, foram apresentados os pressupostos teóricos e os procedimentos metodológicos do presente trabalho. Na próxima seção, serão compilados os resultados obtidos.

### 3. Análise dos dados

#### 3.1. Distribuição geral dos dados

Após a leitura dos editoriais e reportagens, foram encontrados 14 dados, distribuídos conforme mostra o quadro 1. É importante ressaltar, contudo, que nessa primeira distribuição dos dados, as ocorrências do gênero reportagem foram contabilizadas no conjunto, independente de terem ocorrido em discurso indireto ou direto.

Construções	Editorial		Reportagem	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
<b>Topicalização</b>	4	100%	8	80%
<b>Deslocamento à esquerda de tópico pendente</b>	-	-	1	10%
<b>Tópico pendente com retomada</b>	-	-	1	10%
<b>TOTAL</b>	4	100%	10	100%

Quadro 1: distribuição dos dados por estratégia de construção de tópico marcado e por gênero

O quadro 1 confirma a hipótese de que a frequência de construções de tópico marcado na escrita culta [+ monitorada] ainda é baixa. Do total de dados, 4 foram encontrados no gênero editorial e 10 no gênero reportagem.

Nas seções que se seguem, os resultados para cada gênero serão apresentados.

#### 3.2 As construções de tópico marcado no gênero *editorial*

Todos os dados coletados no gênero editorial são de topicalização. A seguir, transcrevem-se as quatro ocorrências.

(47) [**Dessa redução**]<sub>i</sub>, decorreu \_\_\_\_<sub>i</sub> que número significativo de familiares deixou de lamentar a perda de parentes. (09/04/2011)

(48) [**De Pimentel**]<sub>i</sub> sabe-se \_\_\_\_<sub>i</sub> bem mais, e o quadro não o favorece, porque há indícios da prática de lobby junto à prefeitura, bem como da coleta de dinheiro “não contabilizado” para o caixa dois político-partidário. (09/12/2011)

(49) [**De Palocci**]<sub>i</sub> não se conheceram os clientes \_\_\_\_<sub>i</sub>. (09/12/2011)

(50) [**A essa particularidade**]<sub>i</sub> se junta \_\_\_\_<sub>i</sub> outra: ações contra o patrimônio público costumam ser bem distintas daquelas, mais visíveis, de banditismo comum. (09/03/2015)

Quanto à *função sintática a que o tópico está vinculado no interior da sentença-comentário*, em todos os dados, o tópico se vincula a uma função oblíqua. Chama a atenção que, em todos eles, o movimento do constituinte para a posição à esquerda da sentença evita que o verbo ocupe a posição de V1. Portanto, a topicalização, na escrita culta, revela-se uma estratégia para garantir que o verbo não ocupe a posição inicial da sentença, o que é sistematicamente evitado pelo PB.

Quanto à *estrutura do sintagma tópico*, os dados apresentam um SP na posição de tópico. As preposições de e a não foram suprimidas, o que já era esperado, uma vez que se trata de um texto [+ monitorado].

Quanto à *configuração sintática das construções de topicalização*, pode-se dizer que, em todos os dados, o tópico e a categoria vazia ocorreram em contexto raiz. Esse comportamento sugere que o movimento de constituintes do interior de ilhas sintáticas pode ser bloqueado na escrita culta brasileira.

No que diz respeito à *função discursiva da construção de tópico*, em (47) e (50), verifica-se manutenção de tópico discursivo e, em (48) e (49), contraste. A função contrastiva é frequente em dados de topicalização na fala brasileira, comportamento que se repete na escrita culta.

### 3.3 As construções de tópico marcado no gênero *reportagem*

Tendo em vista que as reportagens se caracterizam pela inserção de múltiplas vozes por meio do discurso direto, optou-se por analisar essas ocorrências separadamente. Como o

objetivo desse trabalho é averiguar a presença de construções de tópico marcado na escrita culta, assume-se que discurso direto é transcrição de fala, portanto, é manifestação da gramática da fala, que não é objeto dessa análise. De toda forma, a descrição desses dados permite um confronto com a gramática da escrita do letrado brasileiro. Por fim, é importante ressaltar que não se estão considerando possíveis alterações feitas pelo jornalista na transcrição da fala dos entrevistados no momento da redação de seu texto, embora essa possibilidade não seja descartada.

### 3.3.1 Discurso indireto

Verificamos a ocorrência de apenas 1 dado, uma construção de topicalização, transcrito a seguir.

(51) [**Da presidente Dilma**]<sub>i</sub>, ele ouviu ao telefone cumprimentos \_\_\_\_<sub>i</sub> por “uma vitória da América Latina”. (04/07/2012)

O dado encontrado é bastante semelhante àqueles coletados nos editoriais. Trata-se de uma topicalização de oblíquo, em contexto raiz, com um tópico SP, introduzido pela preposição *de*. Registre-se, porém, que, neste caso, houve a inserção de um tópico novo, o que mostra a pluralidade funcional das construções de tópico marcado na escrita culta.

### 3.3.2 Discurso direto

Como já era esperado, houve um maior número de dados nos trechos transcritos de fala das reportagens, totalizando 9 ocorrências. A seguir, listam-se os dados.

(52) [**Deste carnaval**]<sub>i</sub>, tiro várias ideias \_\_\_\_<sub>i</sub> para o ano que vem. (18/02/2010)

(53) [**As decisões sobre o petróleo**]<sub>i</sub>, ninguém discutiu \_\_\_\_<sub>i</sub>. (18/06/2011)

(54) [**Volta Redonda**]<sub>i</sub>, ele tentou fazer \_\_\_\_<sub>i</sub> pela iniciativa privada, mas não tinha como ser. (18/06/2011)

(55) [**As grandes transformações econômicas do Getúlio**]<sub>i</sub>, ele tentou não fazer \_\_\_\_<sub>i</sub> pelo Estado. (18/06/2011)

(56) **[Sobre ter mais usinas nucleares]**<sub>i</sub>, ninguém discutiu \_\_\_\_<sub>i</sub>. (18/06/2011)

(57) **[Emprego]**<sub>i</sub> a gente tem \_\_\_\_<sub>i</sub> hoje, mas não amanhã. (03/03/2013)

(58) É o maior plano de logística da nossa história, **[isso]**<sub>i</sub> eu asseguro \_\_\_\_<sub>i</sub> a vocês. (09/06/2015)

(59) **[A nossa visão naquela época de ajuste de longo prazo]**<sub>i</sub>, **ela**<sub>i</sub> não estava completa. (18/05/2010)

(60) **[Sobre os patrocínios]**<sub>i</sub>, explicou que **[eles]**<sub>i</sub> tinham o objetivo de divulgar sua marca em São Luís. (18/07/2010)

A seguir, serão analisados os dados, segundo a estratégia de construção de tópico marcado.

### 3.3.2.1. Topicalização

Sete dos nove dados são ocorrências de topicalização (52 a 58). No que diz respeito à *função sintática a que o tópico está vinculado no interior da sentença-comentário*, o quadro 2 apresenta o resultado.

Função Sintática	Reportagem: discurso direto	
	Ocorrências	%
<b>Objeto Direto</b>	5	71%
<b>Oblíquo</b>	1	14%
<b>Complemento Nominal</b>	1	14%
<b>TOTAL</b>	7	100%

Quadro 2: distribuição das ocorrências de topicalização segundo a função sintática.

O quadro mostra que predominam as topicalizações de objeto direto no discurso direto do gênero *reportagem*, com 71% do total dos dados. Esse resultado confirma a preferência do PB em esvaziar o objeto, movendo-o para a posição de tópico. A maior frequência de topicalização de objeto direto é um efeito colateral de o PB ser uma língua que marca positivamente o Parâmetro do Objeto Nulo.

Quanto à *estrutura do sintagma tópico*, os dados (52) e (56) apresentam sintagmas preposicionados na posição de tópico. Já em (53), (54), (55) e (57), o tópico é um SN e, em (58), um pronome demonstrativo.

No que diz respeito aos sintagmas nominais que ocupam a posição de tópico, observou-se, ainda, *sua constituição interna* e sua *referencialidade*. Tendo em vista o primeiro fator, pode-se perceber que há dados com nomes nus e dados com ambas as margens preenchidas, o que revela não haver nenhum tipo de restrição dessa natureza. Sobre a *referencialidade do SN*, predominam dados [- animados; + específicos]. Porém, verificou-se a ocorrência de um dado [- animado, - específico] (exemplo 57), confirmando a inexistência de restrições semânticas para as construções de topicalização no PB.

Por fim, quanto à *configuração sintática das construções de topicalização*, pode-se dizer que em todos os dados o tópico e a categoria vazia ocorreram em contexto raiz.

No que diz respeito à *função discursiva do tópico*, foram encontradas as mesmas funções daquelas identificadas para os dados do editorial. Assim, em (52), (55) e (58), a função do tópico é de manutenção, ou seja, o referente na posição de tópico corresponde ao tópico do discurso. Nos dados (54) e (56) verifica-se a função discursiva de contraste. Os dados (53) e (57) apresentam a função de inserção de um item lexical novo.

### 3.3.2.2. Deslocamento à esquerda

Foi encontrado apenas um dado de deslocamento à esquerda. Este se encontra transcrito abaixo.

(61) [A **nossa visão naquela época de ajuste de longo prazo**]<sub>i</sub>, **ela**<sub>i</sub> não estava completa. (18/05/2010)

Quanto à *função sintática a que o tópico está vinculado*, pode-se dizer que o correferente, ou seja, o pronome *ela*, encontra-se na posição de sujeito. Por este motivo, tal construção é classificada como um deslocamento à esquerda de sujeito.

Sabe-se que as construções de deslocamento à esquerda de sujeito são muito frequentes na fala brasileira (cf. Orsini e Paula, 2011; Orsini e Mourão, 2014), o que justifica a presença desse dado num trecho de discurso direto.

Quanto à *constituição interna do SN*, percebe-se que este apresenta as margens preenchidas. Com relação à *referencialidade*, o dado encontrado apresenta um SN com os traços [-animado] e [+específico]. Já no que diz respeito à *configuração sintática da estrutura em que ocorre o tópico*, o dado ocorre em contexto raiz. No plano textual, esta construção apresenta a função de *inserção de um tópico novo*, uma vez que o tópico insere um novo item lexical, que não estava presente anteriormente no discurso.

### 3.3.2.3. Tópico pendente com retomada

Foi encontrado apenas um dado de tópico pendente com retomada, apresentado em (62):

(62) [**Sobre os patrocínios**]<sub>i</sub>, explicou que [**eles**]<sub>i</sub> tinham o objetivo de divulgar sua marca em São Luís. (18/07/2010)

Em (62), o constituinte que ocupa a posição de tópico é o sintagma preposicionado *sobre os patrocínios*, retomado no interior do comentário pelo pronome nominativo de terceira pessoa *eles*.

Quanto à *configuração sintática*, tal construção ocorre em contexto raiz e, quanto à *função discursiva*, a construção apresenta a função de *inserção* de um novo elemento lexical, não verificado anteriormente no discurso.

## 3.4 Generalizações acerca das construções de tópico marcado nos *editoriais* e *reportagens*

Tendo em vista os resultados aqui apresentados, podem-se tecer algumas generalizações.

(a) As construções de topicalização foram as únicas presentes no *editorial* e na *reportagem*, em trechos de discurso indireto. Isso parece indicar que tal estratégia não é avaliada negativamente pelo letrado brasileiro;

(b) Com relação à *referencialidade* do SN tópico nas construções de topicalização, este exibiu as seguintes possibilidades: [-animado, +específico] e [-animado, -específico]. Assim, parece não haver restrições semânticas quanto aos traços que o elemento topicalizado pode apresentar;

(c) Quanto à *configuração sintática* das construções de topicalização, pode-se afirmar que todos os dados ocorreram em contexto raiz. Tal afirmação se aplica também ao dado de deslocamento à esquerda e de tópico pendente com retomada;

(d) Quanto à *função discursiva do tópico*, as construções de tópico marcado apresentaram três diferentes funções: *inserção de tópico novo*, *manutenção de tópico* e *contraste*.

## Considerações finais

Este estudo objetivou analisar a inserção das construções de tópico marcado na escrita culta brasileira. Para tanto, utilizou como *corpora* 140 *reportagens* e 140 *editoriais*, coletados do jornal carioca O Globo, entre os anos de 2009 e 2015.

Com base no contínuo de monitoração estilística proposto por Bortoni-Ricardo (2005), objetivou-se verificar se gêneros escritos [+ monitorados], como os citados acima, permitiriam a inserção de tais construções e, em caso afirmativo, que construções seriam licenciadas.

Retomando as perguntas inicialmente formuladas, pode-se aqui tecer algumas considerações finais.

a) As estratégias de tópico marcado estão se inserindo na escrita culta brasileira?

Quanto à inserção das construções de tópico marcado na escrita culta brasileira, podemos afirmar que ocorreram apenas topicalizações nas reportagens, em discurso indireto, e nos editoriais. Isso aponta que o letrado brasileiro, ao produzir textos escritos [+ monitorados], evita as demais estratégias de construções de tópico marcado, possivelmente por serem essas condenadas pela escola. Esse comportamento fica evidente quando se identificam estruturas de deslocamento à esquerda, por exemplo, em trechos de discurso direto das reportagens.

b) O grau de monitoração estilística atua na frequência das construções de tópico marcado?

Considerando o contínuo *grau de monitoração estilística*, a hipótese inicial de os editoriais serem [+ formais] que as reportagens e, portanto, bloquearem construções de tópico marcado não se confirmou, já que foram encontradas, em ambas as amostras, apenas dados de topicalização, sendo sua frequência maior nos editoriais que nas reportagens, discurso indireto. Portanto, ambos os gêneros aqui confrontados não parecem permitir a inserção de outras estratégias de construção de tópico marcado, a não ser em discurso direto, o que caracteriza gramática da fala.

## Referências bibliográficas

ARAÚJO, Edivalda A. *As construções de Tópico do Português nos séculos XVIII e XIX: uma abordagem semântico-discursiva*. Tese de doutoramento. Salvador: UFBA: Instituto de Letras, 2006.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed.rev., ampl. e atual. conforme o novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERLINCK, Rosane de Andrade, DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia e OLIVEIRA, Marilza de. Predicação. In: KATO, M e NASCIMENTO, Milton do (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção da sentença*. Vol. III. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemos na escola, e agora?* Sociolinguística & educação. SP: Parábola, 2005.

BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês e MATOS, Gabriela. Estrutura da frase simples e tipos de frases. In: MATEUS et alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho Editorial, 2003. pp. 433-506.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

COELHO, I. et alii. *Para conhecer Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013 [1985].

CYRINO, Sônia M.L. *O objeto nulo no português do Brasil - um estudo sintático diacrônico*. Londrina: Editora da UEL, 1997.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. SP: Parábola Editorial, 2006.

GARCIA, Carlos Eduardo Nunes. *As construções de topicalização e de deslocamento à esquerda na fala de brasileiros e portugueses*. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Kato, M.; S. Duarte, M.E.; Cyrino, S. & Berlinck, R. “Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio” In Suzana Cardoso, Jacyra Mota e Rosa Virgínia Matto e Silva (orgs.). *Quinhentos anos de história linguística no Brasil*. Salvador, Empresa Gráfica da Bahia/Funcultura/Governo da Bahia, 2006, pp. 413-438.

\_\_\_\_\_, Mary. “A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical”. In: M. A. Marques, E. Koller, J. Teixeira & A. S. Lemos (orgs). *Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga, CEHUM (U. do Minho), 2005, pp. 131-145.

\_\_\_\_\_, Mary e DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no português brasileiro. *Veredas* (UFJF. Online), v. 18, 2014, p. 1-22.

KENNEDY, Eduardo. *Curso básico de Linguística Gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.

LIMA, José Rosamilton de & FILHO, Ivanaldo Oliveira dos Santos. Editorial: gênero de expressão opinativa. In: *Interdisciplinar*, Teresina: UNINOVAFAPI, Vol.14, jul-dez de 2011, pp. 87-99.

LIMA, Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 50. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 2012.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

ORSINI, Mônica T. As construções de tópico marcado em peças teatrais brasileiras dos séculos XIX e XX. In: DUARTE et alii. *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012.

\_\_\_\_\_ e VASCO, Sérgio L. Português do Brasil: língua de tópico e de sujeito. In: *Diadorim - Revista de Estudos Linguísticos e Literários da Pós Graduação da UFRJ*, Rio de Janeiro: UFRJ, Vol.2, 2007, pp.83-98.

\_\_\_\_\_ e PAULA, Mayara Nicolau de. Sujeitos deslocados à esquerda e mudança paramétrica no Português Brasileiro. In: *Revista do Gelne* (Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste). v.13, nº 1/ 2. Natal: EDUFRN, 2011.

\_\_\_\_\_ e MOURÃO, Isabela de Campos. Sujeitos deslocados à esquerda em gêneros textuais orais e escritos no Português Brasileiro. In: *Revista de Estudos Linguísticos do GEL*. V. 44, nº 1, 2015.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

RAPOSO, Eduardo B. P. et alii. Construções de topicalização. In: *Gramática do Português*. v. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkain, 2013.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. *Técnica de Reportagem: Notas Sobre a Narrativa Jornalística*. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

TAVARES, Maria Alice. O verbo no texto jornalísticos: notícia e reportagem. *Working papers em linguística*, UFSC, n. 1, jul./dez. 1997.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William e HERZOG, Marvin. *Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança linguística*. (Tradução de Marcos Bagno). São Paulo: Parábola. 2006 [1968].